

## As marcas de nascença



Por **SERGIO GONZAGA DE OLIVEIRA\***

*Poema e comentário sobre as diversas desigualdades que prevalecem no Brasil*

Lembrem das avós  
Abatidas transtornadas  
Lembrem das mães  
Exaustas apressadas  
Lembrem das filhas  
Acuadas desamparadas  
Lembrem das irmãs  
Grávidas violentadas  
Das netas...  
Tristes crianças  
Assustadas  
  
Pensem nas mulheres  
No acalanto da vida  
No útero ancestral  
  
Mas não se esqueçam da violência  
Dos abortos clandestinos  
Dos cárceres privados  
Das esquinas degradadas  
Do chão duro das ruas  
No frio da madrugada  
  
Pensem nas ilusões contidas  
Nos empregos, exploradas  
Nas filas intermináveis  
Nas casas enlameadas  
Nas promessas não cumpridas  
Nas mortes anunciadas  
  
Pensem nos sonhos negados  
Na dor dos filhos largados  
Na roda dos enjeitados  
  
Lembrem dos filhos perdidos  
Para a guerra das milícias  
Nas batalhas com a polícia  
Nas rotas sujas do tráfico

Mas não se esqueçam  
Não se esqueçam...  
Dos lucros nunca taxados  
Dos juros inexplicáveis  
Das dívidas impagáveis  
Marcando a desigualdade  
Dos olhos que não enxergam  
Um sistema alucinado

Fonte de tanta maldade<sup>[1]</sup>

## Comentário

De acordo com a Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE, publicado em 2020 e baseado na PNAD-C de 2019, metade da população brasileira vive com um valor inferior ao de um salário mínimo. Pode-se afirmar que a maioria vive na pobreza ou em seu entorno. Quando se cruzam as informações de raça, gênero e renda os dados são chocantes. As mulheres negras se destacam entre os mais pobres. Embora sejam 28,7% da população total, são 39,8% entre os muito pobres e 38,1% entre os pobres. As mulheres negras, sem cônjuges, com filhos e filhas menores de 14 anos para criar, são os arranjos familiares que mais sofrem com a desigualdade. Segundo o IBGE, esses grupos concentram a maior incidência de pobreza, sendo 86,4% pobres ou extremamente pobres.<sup>[2]</sup>

\*Sergio Gonzaga de Oliveira é engenheiro pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e economista pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

### Notas

[1] Esses versos têm como inspiração a belíssima estrutura poética de *Rosa de Hiroshima* de Vinícius de Moraes escrita em 1946. Cometi essa transgressão para me unir aos protestos contra as más condições de vida da maioria das mulheres na sociedade brasileira, especialmente as negras e pobres que mais sofrem com a violência cotidiana. Peço perdão aos amantes da poesia de Vinicius por essa ousadia.

[2] Esses dados foram analisados com mais detalhes no artigo “O nó que não desata” que publiquei no blog *Democracia e Socialismo* em agosto de 2021.

**O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**  
**Ajude-nos a manter esta ideia.**  
**Clique aqui e veja como**